
LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A CONSTRUÇÃO ONTOLÓGICA DA NEGRITUDE NA UNIVERSIDADE

Jéferson Oliveira Morais

Bacharel em Humanidades e acadêmico do curso de Direito pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Pós-graduando em Educação em Direitos Humanos pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). E-mail: jeferson.m8500@ufob.edu.br

Resumo

Este artigo explora como o letramento racial crítico nas universidades pode possibilitar que pessoas negras reconheçam suas identidades e construam suas ontologias de maneira autônoma, desafiando a hegemonia eurocêntrica que predomina no ensino superior. A pesquisa se baseia em uma revisão bibliográfica com foco em teorias decoloniais e críticas ao racismo estrutural e à colonialidade do saber, destacando as obras de bell hooks (2017), Sueli Carneiro (2005), Frantz Fanon (2008), Silvio Almeida (2019), Antônio Bispo Santos (2023), Grada Kilomba (2019) e Boaventura de Sousa Santos (2004). O estudo propõe que o letramento racial crítico pode ser uma ferramenta emancipadora, ao possibilitar que as epistemologias negras sejam valorizadas no ambiente acadêmico, fomentando uma educação que desafie o epistemicídio.

Palavras-chave: Racismo. Epistemologia. Poder.

Considerações Introdutórias

Aqui nos têm descrito, classificado, desumanizado, primitivizado, brutalizado e matado. Este não é um espaço neutro. Dentro destas salas, fizeram de nós objectos «de discursos estéticos e culturais predominantemente brancos» (Hall, 1992: 252), mas, raramente fomos os sujeitos. A condição de objecto que habitualmente ocupamos, este lugar de «alteridade», não indica, como se costuma acreditar, falta de resistência ou interesse, mas falta de acesso à representação por parte das pessoas negras. (Kilomba, 2019, p.51)

A colonialidade, conforme argumenta Quijano (2000), é uma estrutura de poder que se perpetua após o fim do colonialismo formal, manifestando-se nas dimensões do saber, da cultura e da economia. Esse conceito nos ajuda a entender como as universidades, enquanto instituições modernas, continuam a reproduzir lógicas coloniais, promovendo epistemologias eurocêntricas e marginalizando os saberes oriundos das populações negras. No Brasil, esse processo é particularmente visível na exclusão histórica de intelectuais e epistemologias afrodescendentes do currículo oficial.

O ingresso de estudantes negros nas universidades é um avanço importante, mas não é suficiente para alterar as dinâmicas estruturais de exclusão e marginalização racial. O ambiente universitário, em sua configuração atual, perpetua o que Fanon (2008) chamou de “alienação racial”, uma desconexão forçada entre o sujeito negro e sua cultura, história e identidade. Nesse sentido, a presença física de estudantes negros não se traduz automaticamente em inclusão epistemológica, pois os saberes e perspectivas afrodescendentes continuam a ser tratados como marginais.

Nesse contexto, o conceito de letramento racial crítico surge como uma ferramenta importante para a construção de uma ontologia negra nos espaços acadêmicos. Esse letramento envolve o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o racismo estrutural e a colonialidade do saber, permitindo que os estudantes negros não apenas reconheçam as formas de exclusão a que estão submetidos, mas também se posicionem contra elas de maneira proativa. No entanto, é preciso ampliar o debate, conectando o letramento racial crítico com outras teorias, como a necropolítica.

A necropolítica, conceito desenvolvido por Mbembe (2018), refere-se ao poder que o Estado e outras instituições têm de decidir quem vive e quem morre. Esse poder se manifesta de várias formas, incluindo a precarização da vida das populações negras. Nas universidades, a necropolítica pode ser observada na maneira como os corpos negros são

submetidos a condições de invisibilidade, exclusão epistemológica e precarização simbólica, o que limita suas possibilidades de construção de uma identidade plena e emancipada.

Ao associar a necropolítica ao racismo estrutural presente nas universidades, podemos entender como a exclusão de saberes negros e o controle sobre as subjetividades negras constituem uma forma de controle. A universidade, enquanto espaço de poder, decide quais vidas acadêmicas são valorizadas e quais são invisibilizadas ou marginalizadas, mantendo uma hierarquia racial que coloca os saberes eurocêntricos no centro e relega as epistemologias negras às margens.

Ao analisarmos o conceito de letramento, percebemos a importância crucial de sua aplicação em nossas vidas cotidianas. A compreensão de que ler e escrever vai além do simples processo de codificação e decodificação dos símbolos nos leva a reconhecer a função social não apenas da leitura e da escrita, mas também da educação formal. Nesse sentido, o termo “letramento” tem sido frequentemente associado à alfabetização; no entanto, sua abrangência se estende a outras maneiras de responder a tensões sociais, como as questões raciais.

Considerando a relevância de refletir sobre as relações étnico-raciais na educação, e a necessidade de promover uma prática que valorize o reconhecimento e a construção da diversidade das identidades raciais, este artigo propõe-se a discutir o conceito de Letramento Racial Crítico. Através de uma análise sucinta, buscamos evidenciar a importância desse conceito para fomentar diálogos sobre identidades raciais. Abordar as questões raciais é essencial para a edificação de uma sociedade antirracista.

De acordo com Cope e Kalantzis (2000), o entendimento tradicional de letramento se limitava à capacidade de aprender a ler e escrever nas suas formas mais convencionais, refletindo um projeto restrito às normas de uma única cultura e língua. No entanto, atualmente, o letramento assume uma nova perspectiva. Pesquisas de Kleiman (2014) apontam que o letramento é fundamental para o empoderamento de indivíduos que se tornam protagonistas nas transformações sociais. Assim, o conceito de letramento se vincula a questões sociais, interligando a prática da leitura e da escrita às vivências e singularidades de cada indivíduo. Esse movimento culminou na introdução, em 2014, do

conceito de Letramento Racial Crítico no Brasil, que tem suas raízes na Teoria Racial Crítica e utiliza a raça como uma lente para examinar diversas questões sociais.

É importante destacar que uma abordagem centrada na questão racial é essencial para compreender o racismo, as formas históricas de escravização, as dinâmicas do período pós-abolição e o sistema de branquitude. Assim, ao nos debruçarmos sobre a questão racial em um determinado contexto, estamos abrindo espaço para entender como as relações raciais operam na sociedade. Essa análise pode tanto sustentar a noção de uma superioridade branca quanto promover a construção de uma sociedade antirracista, capaz de reconhecer e valorizar a pluralidade das identidades negras.

Nesse sentido, o letramento racial crítico deve ser visto não apenas como uma ferramenta pedagógica, mas como uma forma de resistência política contra essas lógicas de morte simbólica e exclusão racial. Ele não apenas prepara os estudantes negros para reconhecerem o racismo estrutural, mas também lhes fornece as ferramentas teóricas e epistemológicas necessárias para subverter essas estruturas, promovendo a construção de uma ontologia negra dentro do ambiente acadêmico.

Essa resistência é essencial para a transformação das universidades em espaços mais inclusivos e democráticos. Como argumenta hooks (2017), a educação deve ser um espaço de libertação, onde todos os sujeitos possam se reconhecer e se afirmar a partir de suas próprias experiências. O letramento racial crítico, nesse sentido, não é apenas uma prática pedagógica, mas um projeto político de transformação social, que busca romper com as estruturas de poder racializadas que dominam o espaço acadêmico.

Por isso, o presente estudo se justifica pela necessidade urgente de fundamentar práticas pedagógicas que promovam a inclusão efetiva de saberes negros nas universidades. A descolonização do saber não pode ser apenas um objetivo abstrato, mas deve ser incorporada de maneira concreta nas práticas pedagógicas, curriculares e institucionais. Somente através desse processo será possível romper com as lógicas necropolíticas que mantêm os corpos negros em posições subalternas no ambiente acadêmico.

Este artigo, portanto, busca analisar como o letramento racial crítico pode ser utilizado para combater as lógicas necropolíticas que permeiam as universidades, permitindo a construção de um espaço acadêmico mais inclusivo e emancipador para os estudantes

negros. Através de uma análise teórica baseada nas obras de Sueli Carneiro, Achille Mbembe, Frantz Fanon, bell hooks, Silvio Almeida e outros, propõe-se uma reflexão sobre o papel das epistemologias negras na transformação das universidades brasileiras.

Caminho Metodológico

A pesquisa tem caráter qualitativo e fundamenta-se em uma revisão bibliográfica das principais obras que discutem o letramento racial crítico, a decolonialidade e o racismo estrutural. A revisão bibliográfica é uma metodologia amplamente reconhecida na pesquisa acadêmica, permitindo a construção de um referencial teórico sólido a partir de fontes já publicadas. Segundo Gil (2008), a revisão da literatura é uma etapa crucial no processo de pesquisa, pois possibilita identificar lacunas no conhecimento, contextualizar o problema em estudo e fundamentar teoricamente as escolhas metodológicas.

O uso da revisão bibliográfica também é defendido por Minayo (2010), que enfatiza sua importância para a elaboração de um projeto de pesquisa que se baseie em dados já existentes, favorecendo a análise crítica e a articulação de diferentes perspectivas. Além disso, conforme Moraes (2009), essa abordagem permite ao pesquisador explorar diversas interpretações e reflexões sobre o tema, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e fundamentada das questões abordadas.

Neste estudo, as obras de autores como bell hooks (2017), Sueli Carneiro (2005), Frantz Fanon (2008), Silvio Almeida (2019), Antônio Bispo Santos (2023), Grada Kilomba (2019) e Boaventura de Sousa Santos (2004) foram selecionadas com o intuito de fornecer uma base teórica sólida para a discussão sobre letramento racial e inclusão das epistemologias negras. Essa escolha é respaldada pela relevância e pela atualidade das contribuições desses autores, que oferecem reflexões críticas sobre a realidade enfrentada por estudantes negros nas universidades e as práticas pedagógicas necessárias para promover uma educação inclusiva.

A metodologia escolhida se justifica pela riqueza e diversidade de perspectivas oferecidas por esses autores, que fornecem uma base teórica sólida para a discussão sobre letramento racial e inclusão das epistemologias negras. A revisão bibliográfica não apenas permite o levantamento de dados e reflexões sobre o tema, mas também favorece a construção de

argumentos críticos que poderão contribuir para a transformação das práticas pedagógicas nas instituições de ensino superior.

O Eurocentrismo na Universidade e a Exclusão das Epistemologias Negras

O eurocentrismo se estabelece como um paradigma dominante na produção de conhecimento acadêmico, relegando as experiências e as epistemologias negras a um segundo plano. Essa estrutura de ensino, profundamente enraizada nas instituições, não só nega a validade das contribuições afrodescendentes, mas também perpetua um ambiente educacional que desconsidera a pluralidade das identidades e saberes. A invisibilidade das narrativas negras nas universidades é um reflexo do racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira.

Almeida (2019) revela que a exclusão de vozes negras no ambiente acadêmico não é uma questão meramente individual, mas está atrelada a um sistema que nega a pluralidade das experiências. A intersecção entre raça, classe e gênero torna-se um fator preponderante na análise das desigualdades que permeiam o espaço universitário. Em consonância com Kilomba (2019), a educação deve ser repensada à luz da decolonialidade, que exige uma revisão crítica das práticas pedagógicas que sustentam o eurocentrismo.

A desconstrução desse paradigma é um passo necessário para promover um ambiente educacional mais inclusivo e representativo. A luta pela inclusão das epistemologias negras no currículo universitário deve ser acompanhada por uma crítica contundente ao racismo estrutural, conforme argumenta Almeida (2019). A necessidade de um olhar crítico sobre as políticas educacionais se torna evidente, uma vez que a permanência de estudantes negros nas universidades é constantemente ameaçada pela desvalorização de suas experiências e saberes.

Santos (2023) oferece um caminho para a construção de um espaço educacional que reconheça e legitime as epistemologias afro-brasileiras. Esses territórios funcionam como espaços de resistência, onde as narrativas e saberes negros podem ser valorizados, promovendo a formação de identidades autônomas e empoderadas. A articulação entre esses espaços e o ambiente universitário é crucial para romper com as barreiras impostas pelo eurocentrismo e construir um ensino mais inclusivo.

A luta pela descolonização do conhecimento não deve ser vista apenas como uma demanda por representatividade, mas como uma necessidade urgente de transformação estrutural. Para Fanon (2008), a descolonização exige uma reconfiguração da subjetividade e das relações de poder. No ambiente universitário, isso implica em reconhecer a relevância dos saberes e experiências dos povos africanos e afrodescendentes, promovendo uma educação que valorize a diversidade cultural.

Letramento Racial Crítico: Resistência e Reconhecimento

[...] Como formar uma identidade em torno da cor e da negritude não assumidas pela maioria cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento? Como formar uma identidade em torno de uma cultura até certo ponto expropriada e nem sempre assumida com orgulho pela maioria de negros e mestiços? (Munanga, 1999, p. 17)

O letramento racial crítico é uma prática pedagógica que visa transformar o ambiente universitário e promover a conscientização sobre as dinâmicas de poder que estruturam as relações raciais. A proposta de Carneiro (2005) de uma educação que desnaturalize o racismo se torna central na construção de uma identidade negra que valoriza as experiências e saberes dos estudantes. Essa prática é uma forma de resistência às narrativas coloniais que historicamente marginalizaram as vozes negras.

Em um contexto de racismo estrutural, a conscientização dos estudantes sobre as implicações do racismo em suas vidas se torna um passo fundamental para a construção de uma educação inclusiva. Almeida (2019) ressalta que o racismo não se manifesta apenas em atitudes individuais, mas também nas instituições que perpetuam a exclusão racial. A promoção do letramento racial crítico é uma estratégia eficaz para desafiar essas estruturas, proporcionando aos estudantes ferramentas para reconhecerem e enfrentarem as desigualdades presentes no ambiente acadêmico.

A autonomia dos estudantes negros é outro aspecto central do letramento racial crítico. Santos (1983) argumenta que a construção de uma identidade negra positiva é essencial para a emancipação dos sujeitos racializados. Ao se reconhecerem enquanto produtores de conhecimento, os estudantes negros têm a oportunidade de construir novas narrativas que desafiem a lógica eurocêntrica do saber. Esse processo de construção identitária é fundamental para a afirmação da negritude como um elemento central da formação acadêmica.

Além disso, a valorização das narrativas orais e das memórias coletivas dos povos negros é uma prática que enriquece o ambiente educacional. Santos (2023) defende que o conhecimento produzido por esses povos não se limita à escrita, mas abrange práticas cotidianas, tradições orais e vivências comunitárias. O letramento racial crítico deve, portanto, incluir essas formas de conhecimento, promovendo uma ecologia dos saberes que reconheça a diversidade das epistemologias.

A luta pela inclusão de epistemologias negras no currículo universitário também está alinhada com a proposta de uma educação que favoreça a autonomia dos estudantes. hooks (2017) destaca a importância de uma educação libertadora, onde os sujeitos possam questionar as estruturas de poder e construir novas formas de ser e estar no mundo. O letramento racial crítico se configura, portanto, como uma prática de resistência, ao possibilitar que os estudantes negros rompam com as narrativas coloniais e construam suas próprias ontologias.

Por fim, o letramento racial crítico deve ser encarado como uma ação política. Ao promover a valorização das epistemologias negras e questionar as estruturas de poder que sustentam o racismo nas universidades, essa prática contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A luta por uma educação antirracista é um passo fundamental para a emancipação dos sujeitos racializados e a construção de um futuro onde a diversidade seja verdadeiramente reconhecida e celebrada.

A Construção de uma Ontologia Negra: Desafios e Perspectivas

A construção de uma ontologia negra no ambiente universitário é um desafio complexo que requer uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e as relações de poder que estruturam o ensino superior. Conforme Fanon (2008), a descolonização do conhecimento é um processo que exige uma reconfiguração das subjetividades, levando em conta as experiências e saberes dos povos negros. Nesse sentido, a construção de uma ontologia negra implica uma valorização das experiências e narrativas que têm sido historicamente silenciadas.

Santos (2004, p.751), oferece um caminho para a reconfiguração das relações de poder no ambiente educacional. “[...] para haver mudanças profundas na estruturação dos conhecimentos é necessário começar por mudar a razão que preside tanto os

conhecimentos como a estruturação deles. Em suma, é preciso desafiar a razão indolente”. Assim, pode-se assumir uma luta pela valorização das epistemologias negras que esteja acompanhada de uma crítica ao eurocentrismo que ainda domina o ensino superior. As universidades têm a responsabilidade de promover uma educação que reconheça a diversidade dos saberes e desafie as hierarquias de conhecimento que marginalizam as vozes dos povos negros.

A articulação entre o ambiente universitário e as comunidades também é essencial para a construção de uma ontologia negra. A educação deve ser um espaço de diálogo e troca de saberes, onde as experiências das comunidades negras possam ser reconhecidas e valorizadas. Segundo hooks (2017), a construção de uma narrativa coletiva que valorize a diversidade cultural é fundamental para a afirmação da identidade negra e a luta contra o racismo.

Os desafios enfrentados na construção de uma ontologia negra no ambiente universitário são significativos, mas não intransponíveis. A resistência das instituições à mudança e a perpetuação de práticas pedagógicas que ignoram a pluralidade dos saberes são obstáculos que precisam ser enfrentados. A luta pela inclusão das epistemologias negras no currículo universitário deve ser vista como uma prioridade, uma vez que essa inclusão é fundamental para a formação de estudantes críticos e conscientes de suas identidades.

A construção de uma educação decolonial requer a articulação entre teoria e prática. As instituições de ensino superior devem se comprometer com a implementação de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade dos saberes e promovam a inclusão das vozes negras. A formação de professores também é crucial nesse processo, uma vez que são eles os responsáveis por mediar as relações de conhecimento e promover um ambiente inclusivo e respeitoso.

Por fim, a construção de uma ontologia negra no ambiente universitário deve ser entendida como uma luta coletiva. A valorização das experiências e saberes dos povos negros é uma tarefa que envolve toda a comunidade acadêmica, e a transformação das práticas educativas deve ser acompanhada por uma mudança nas relações de poder que estruturam as instituições de ensino superior. Essa luta é fundamental para a construção

de uma educação mais inclusiva e democrática, que reconheça e celebre a diversidade dos saberes.

Conclusão

A construção de uma educação decolonial e antirracista no ambiente universitário é um desafio fundamental para o reconhecimento e a valorização das epistemologias negras. O letramento racial crítico se configura como uma ferramenta essencial nesse processo, ao permitir que estudantes negros reconheçam suas identidades e se apropriem de suas histórias e saberes. Ao romper com a lógica eurocêntrica que permeia o currículo acadêmico, o letramento racial crítico contribui para a construção de uma nova ontologia negra, que desafia as estruturas de poder e promove a emancipação dos sujeitos racializados.

A revisão bibliográfica realizada neste estudo permitiu a articulação entre diferentes perspectivas teóricas, destacando a importância das contribuições de potências como bell hooks (2017), Sueli Carneiro (2005), Frantz Fanon (2008), Silvio Almeida (2019), Antônio Bispo Santos (2023) e Grada Kilomba (2019). Esses autores oferecem reflexões críticas sobre o racismo estrutural, a colonialidade do saber e a construção de identidades negras, proporcionando uma base teórica sólida para a análise das práticas pedagógicas e epistemológicas nas universidades.

Além disso, a discussão sobre letramento racial crítico e decolonialidade enfatiza a necessidade urgente de transformar as práticas educativas nas universidades, de modo a promover a inclusão e a valorização das experiências e saberes dos povos negros. Essa transformação não se limita à inclusão de conteúdos, mas implica uma mudança mais profunda nas relações de poder que estruturam o ambiente acadêmico.

Por fim, este artigo contribui para o debate sobre a descolonização da educação e a luta contra o racismo institucionalizado nas universidades, destacando a importância de promover uma educação que reconheça a diversidade dos saberes e promova a emancipação dos sujeitos racializados. A construção de uma educação decolonial e antirracista é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que valorize as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para a produção de conhecimento.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Repositório da USP, 2005.
- COPE, Bill. KALANTZIS, Mary. (Eds.) **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Routledge: London, 2000.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. São Paulo: Editora, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo do cotidiano**. São Paulo: Editora, 2019.
- KLEIMAN, Ângela. **Letramento na contemporaneidade**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 9, n. 2, p. 72–91, jul. 2014.
- MINAYO, Maria de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. São Paulo: Editora Vozes, 2010.
- MORAES, Renato. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais**. Buenos Aires: Editora, 2000.
- SANTOS, Antônio Bispo. **A Terra dá, a Terra Quer**. Ubu: Editora, 2023.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa . **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- hooks, bell. **Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom**. New York: Routledge, 2017.

Recebido em: 10/10/2024
Publicado em 27/11/2024